CARTOGRAFANDO REPRESENTAÇÕES DOCENTES NO ESPAÇO WWW

Leda Guimarães – UFG

Alexandre Guimarães – UFG

Resumo

Pretendemos com este texto levantar algumas questões sobre lugares, funções, deslocamentos e, principalmente, representações do professor da educação a distância. Percebemos que as visualidades para a representação deste professor estão muito próximas à imagem naturalizada da docência, advinda das práticas escolares modernistas. Por meio da interação com imagens coletadas na internet, introduzimos discussões dessas visualidades, a partir de nossas próprias vivências como professores em ambientes virtuais de aprendizagem.

Palavras-chave: representação docente; licenciatura em artes visuais; educação a distância.

Abstract

We intend this text to open questions about places, functions, displacements, and specially teacher´s representation of distance education. We found that the visuality to the teacher´s representations is closer with the naturalized misconceptions from the modernist school practices. Accordingly, from the images collected at internet, we introduce theses issues from our own experiences in virtual learning environments.
Key words: *teaching representation; visual arts degree; distance education.*

"A viagem não começa quando se percorrem distâncias, mas quando se atravessam as nossas fronteiras interiores."

Mia Couto

Mapeando concepções

Em um exercício na disciplina *Estágio Supervisionado I* (2009/1) da Licenciatura em Artes Visuais – Modalidade a Distância da FAV/UFG, fizemos um fórum perguntando de que forma os estudantes percebiam a importância da experiência do estágio como parte da sua formação. Os depoimentos a seguir, retirados (como foram escritos) de um fórum de discussão, exemplificam a atividade em questão (grifos nossos):

> *[...] essa experiência serve como um **termômetro** do que realmente é estar em contato com alunos **transmitindo** e dividindo conhecimentos; (...) esse processo histórico e social chamado educação é que possibilita relacionar teoria e prática para um maior aprendizado de ambas as partes, **educando** e **educador**.*
>
> *Acredito que o estágio em arte nos levará a colocar em prática o que nos está **sendo passado**.*
> *A interdisciplinaridade não deve ser um somatório de disciplinas, mas uma interligação entre conteúdos e complementaridade de saberes e pessoas. Assim, podemos ser profissionais pesquisadores e **condutores de aprendizagem**.*
> *[...] porque vejo que o ensino da arte está mais ligado à **prática** do que qualquer outra coisa.*

Os termos grifados, “termômetro”, “transmitindo”, “educando e educador”, “sendo passado”, “condutores de aprendizagem” e “prática” não são palavras ao acaso, mas ilustram um imaginário de ação docente centralizada no professor que domina e determina o conhecimento a ser repassado, que desenvolve estratégias para o condicionamento dos aprendizes. Os sentidos para “termômetro” evidenciam um caráter quantitativo para a educação, centrada na fronteirização curricular e na hierarquia dos saberes – um modo mantenedor da ordem, longe da perversão e na linha do caminho do bem (HERNÁNDEZ, 2011). “Transmissão” continua reforçando um imaginário do doar e receber o conhecimento, acentuando distâncias entre “educando” e “educador”. O conhecimento, “sendo passado” pelos professores, os “condutores da aprendizagem”, mantém um discurso elitista e discriminatório, excluindo aqueles que não podem receber tamanha preciosidade das mãos de um latifundiário dos espaços escolares. A partir dessas concepções, levantamos a indagação de que visualidades representariam a ação docente? Fomos à internet em busca de imagens e encontramos representações que correspondem aos depoimentos que os alunos trouxeram no referido exercício.

Professor artista: o dono da criação docente

Dentre diversas imagens que reforçam a idéia de *transmissão* e *condução*, selecionamos uma imagem do professor/maestro e outra do professor/pintor. Ou seja, imagens do professor como artista. Se considerarmos a poeticidade e fluidez

da ação e pesquisa docente, principalmente em arte/educação, numa perspectiva construcionista, não linear, poderíamos imaginar o professor como um “artista” e o seu trabalho como “arte”. No entanto, pensar a noção de professor/artista sob a relação pedagogia/arte revela-se como uma armadilha para nós mesmos, pois a atual representação do artista, herança da modernidade, ainda carrega resquícios de um sujeito isolado, angustiado, com sua genialidade e obra inatingíveis.

Imagem 1: professor artista. Fonte: *Images Google*, acesso em junho/2009.

Na *imagem1,* temos o artista/pintor: um sujeito gigante, maior que todos os outros no plano, segurando uma caixa (com tintas? saberes?) e, na mão esquerda, um pincel. A tela (lousa branca?) contém uma lâmpada pintada pelo professor/artista – ou seria professor/gênio? A tela em branco representaria o alunado porque ainda não foi criado/pintado pelo mestre professor?

Como já citado, o exercício que deflagrou essas inquietações se deu em um curso de Licenciatura em Artes Visuais, na modalidade a distância, espaço de aprendizagem que tomamos como gelatinoso e, por vezes, tendemos a diferenciá-lo da modalidade presencial como distinto, mais inovador, etc. Assim, voltamos à rede *www* e tentamos mapear representações da ação docente neste contexto desmaterializado, pensando o mapeamento como uma ação cartográfica, um desenho que acompanha os deslocamentos das paisagens, suas transformações, em que seus limites tendem a tracejar-se (- - -), possibilitando que os vazios entre os hífens se movam, dissolvam-se e desloquem-se:

> [...] aprender a navegar num oceano de incerteza em meio aos arquipélagos de certeza que nos cercam, que é preciso pensar como cartógrafos para

> criar o nosso próprio mapa não se atendo ao estático, mas sensíveis aos movimentos de transformação ao nosso redor (NAKAO, 2005:19).

É nesse terreno, majoritariamente virtual, interterritorializado, que vimos observando (e experimentando) os lugares, trânsitos e concepções da nossa ação docente. Entendendo que os discursos que construímos através de nossas vivências estão conectados às nossas experiências estéticas (TOURINHO, 2009), refletir sobre essas representações nos ajuda a entender como e de que forma os discursos que vêm (re)configurando atores/funções revelando inquietações, desejos e dificuldades de mudança no ensino de artes a distância, bem como acontece em outras modalidades.

Nesse sentido, já ambientando o nosso campo de pesquisa e esboçando uma "cartografia virtual", nos entregamos ao acaso da busca hipertextual, digitando termos no *Images Google* (www.google.com/imghp), tais como "professor", "educação a distância", "estude a distância", etc. Esta ação de busca de imagens foi tangenciada pelas questões: a) essas imagens e concepções de professor permaneceriam as mesmas para o contexto da educação a distância? b) que semelhanças e diferenças podemos encontrar entre as falas dos nossos alunos, ilustrações de professor e as imagens que ilustram textos, notícias e anúncios sobre EaD, disponíveis na internet?

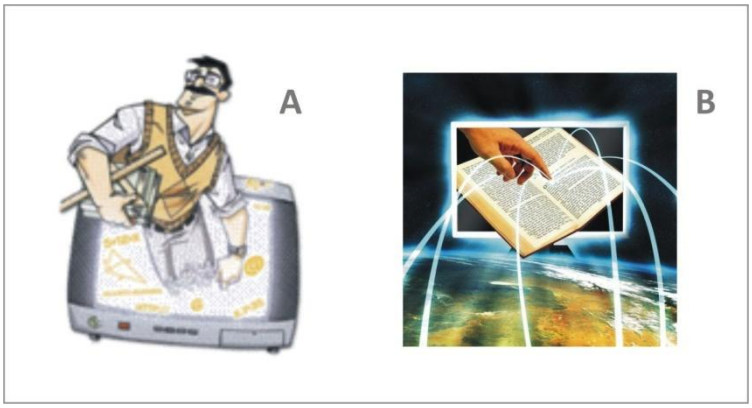

Imagem 2. Fonte: *Images Google*, acesso em junho/2009.

Na *imagem 2-A*, temos um professor (clássica figura masculina, forte e com bigodes) carregando um livro, régua, esquadro, uma prancheta na outra mão, saindo de dentro de uma lousa digital, ao estilo *Superman*. Na *imagem 2-B*, uma moldura com referência ao monitor de um computador e, saindo de dentro dele, uma mão que se assemelha à obra de *Michelangelo*, na *Capela Cistina*, onde a mão do

homem toca a de Deus. O dedo aponta para um livro (conhecimento) que jorra luzes (ou águas?) que se derramam sobre o planeta abaixo. O dedo reforça algumas daquelas discussões que tratamos acima sobre os depoimentos de alunos de estágio, ou seja, um dedo (do mestre?) indicando, direcionando e pontuando o conhecimento.

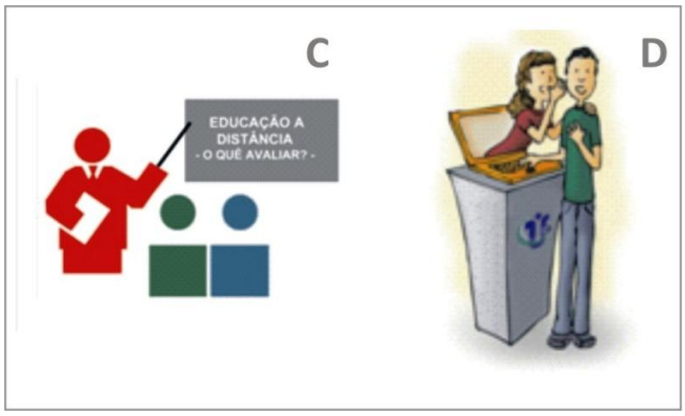

Imagem 3. Fonte: *Images Google,* acesso em junho/2009.

Na *imagem 3-C*, outra figura masculina, indicada por terno e gravata, segurando o bastonete e com um papel ou pasta debaixo do braço, aponta para a placa “educação a distância: o que avaliar?” Possivelmente, um instrutor sobre o assunto, formando uma passível platéia que o assiste na posição clássica aluno/professor. Enquanto a forma do professor, mesmo esquemática (um pictograma), ainda é figurativa, os alunos foram transformados em formas geométricas. Seria uma representação da distância? Na *Imagem 3-D,* uma sedutora forma feminina sai do monitor de um *laptop* e sussurra no ouvido do aluno. Reparem que a figura masculina é séria e ereta, enquanto a figura feminina é sinuosa, agregando um ar de mistério e segredo à informação.

Imagem 4. Fonte: *Images Google,* acesso em junho/2009.

Na *imagem 4-E*, novamente temos uma potente figura masculina, aos moldes do realismo socialista, segurando com seus braços fortes o globo que, ao contrário do mitológico Atlas, não carrega o mundo nas costas como castigo perpétuo. No lugar disso, temos um Prometeu, que trouxe à humanidade o fogo das artes e do conhecimento armazenados em mídias digitais, como podemos ver nos disquetes e CDs girando na órbita terrestre. Uma mancha amarela, um possível sol, irradia luz e calor, conferindo uma aura especial de iluminação a esta ilustração. Na *imagem 4-F,* temos novamente uma representação de figura feminina, uma imagem criada digitalmente para interagir com os alunos, fazendo as vezes de professor "de verdade". Este recurso é usado em alguns cursos a distância. Desta vez, a figura é séria, roupas sóbrias, aos moldes de âncora de telejornal. Essa imagem noticia a informação. Por traz dela, um ambiente artificialmente projetado.

Imagem 5. Fonte: *Images Google,* acesso em junho/2009.

Na *imagem 5-G,* temos, novamente, uma relação com o divino e a noção do artista maestro que, com a vareta (as mangas da casaca), rege a aprendizagem ou o conteúdo pautado na escrita para um passivo sujeito (também masculino), sentado

numa carteira escolar. A forma de se sentar, mole e recuada, mostra a passividade de quem recebe um conhecimento indiscutível. O monitor do qual saem os braços e mãos regentes está numa perspectiva achatada, solto no espaço; as nuvens cinzas e as partes do computador, que parecem flutuar, dão um ar surrealista à ilustração. A imagem reafirma a ideia de condução, regência e passividade do aprendiz. Já a *imagem 5-H* traz um jovem (figura masculina) de boné, fone de ouvido, praticamente imerso na tela do computador, cercado pela parafernália tecnológica, com uma multiplicidade de objetos, tais como celulares, *mp3*, guitarra, televisão ligada. A imagem mostra a capacidade multissensorial dos jovens de desenvolverem, ao mesmo tempo, várias tarefas. O ambiente é o quarto, um espaço de reclusão e inclusão via rede *www*, o que nos leva a crer que esta imagem fala do estudante. Dados divulgados no jornal *O Estado de São Paulo* (12/04/2010) informam que os estudantes da EaD no Brasil são, majoritariamente, adultos que trabalham e que têm pouco tempo para estudar. Os dados do nosso curso confirmam a pesquisa, pois nossos alunos reclamam da dificuldade com a tecnologia, da ausência da mesma em suas vidas e do pouco tempo que dispõem para estudar no computador, postar tarefas e fazer pesquisas *online*.

Das oito ilustrações, sete apresentam figuras humanas. Destas, apenas duas são femininas, havendo a predominância da figura masculina como professor, contrastando com os números da educação no Brasil, em que a presença das mulheres como professoras ou como estudantes é visível. Conforme dados do censo demográfico de 2000, para o grupo etário 20-29 anos, as mulheres com curso superior perfaziam 60% dos números (ALVES, 2010).

As ilustrações mostram ações individuais. Alguns autores têm discutido o que caracterizaria a figura do professor que atua na educação a distância. Belloni (2001) aponta dois aspectos principais: 1) a transformação do professor individual em uma entidade coletiva; e 2) o professor se torna parceiro do estudante na construção do conhecimento, isto é, em atividades de pesquisa e na busca da inovação pedagógica, o que, talvez, possa ser representado pela *imagem 3-D*, apesar de esta parceria estar estereotipada pela “sedução” que, de acordo com a tradição de Eva, estaria a cargo do gênero feminino, desde o evento da maçã e da serpente. Ainda de acordo com Belloni (*op. cit*.), entre as duas funções tradicionais do professor, a

de organização dos conteúdos e de orientação dos alunos, muitas outras ocorrem, tornando difícil a identificação de quem é professor em EaD: um “editor”, “autor”, “tecnólogo educacional” ou “artista gráfico”? Também acrescentamos: um professor/designer ou um designer/professor? A autora ainda destaca a necessidade do trabalho colaborativo em EaD, uma vez que a multiplicidade de funções, sejam elas um misto de tecnicismo e atividades intelectuais, está diretamente ligada à sintaxe educativa que esses novos suportes para mediação nos exigem. Por outro lado, em nossas seleções de imagens, essa “parceria” não está representada. Temos sempre a figura do “condutor, “regente” e “transmissor” demarcando, com clareza, a figura do professor como o agente ativo e definidor do processo educacional, como pode ser percebido na *imagem 6-I*, que já analisamos, em dialogia com uma representação gráfica de um regente de orquestra (*imagem 6-J*). Trouxemos, ainda, mais uma imagem (*6-K*) que, curiosamente, é capa de um livro sobre aprendizagem a distância, cuja ilustração, mais uma vez, faz menção à pintura de *Michelangelo* (como na *imagem 2-B*). Desta vez, a mão de Deus toca o dedo de um robô, semelhante ao personagem *ET*, do filme de *Steven Spielberg* (1982).

Imagem 6. Fonte: *Images Google,* acesso em junho/2009 e maio/2011.

Em outras representações sobre os aparatos da ação docente, temos hibridizações que usam os já conhecidos artefatos escolares como suportes para a inserção das novas tecnologias. Uma pele colada na outra, como podemos ver nas duas imagens *7-L* e *7-M*. Na primeira, temos um monitor com uma lousa acoplada e nela, escrita a giz, com letras redondas, “EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA”. Na outra, temos a própria lousa escrita também a giz, com um *www* referenciando a rede mundial:

Imagem 7. Fonte: *Images Google,* acesso em maio/2011.

José Carlos Souza Araujo (2010) discute a centralidade do quadro-negro no processo educativo escolar. Para ele, na contemporaneidade, mesmo com as atuais tecnologias educativas como o *data show*, *smart board*, vídeo e outras, as salas de aula são impensáveis sem um quadro-negro: “os recursos tecnológicos [...], embora já se façam presentes em salas de aula, ainda não possuem a centralidade do velho quadro-negro” (pp. 1-2).

É no final do século XIX que o uso do quadro-negro instala-se nas escolas e que começa a ocupar um espaço central na sala de aula, período em que, paulatinamente, consolidam-se os sistemas públicos de instrução elementar e, paralelamente, crescem as exigências de um mínimo de mobiliário e material escolar. Nas imagens que estamos lidando, revelam-se, também, a centralidade do modelo escolar da sala de aula do qual faz parte o quadro negro. Na *imagem 7-N,* há um computador de mesa e uma réplica do ambiente da sala de aula materializada, no formato tradicional, com o professor falando na frente (sujeito ativo), alunos sentados escutando, receptores da mensagem, sujeitos passivos, que só se manifestam com a permissão, como indica os braços levantados de duas personagens na ilustração. Esta disposição espacial dos atores do contexto escolar demonstra a permanência, mesmo com o uso do computador, da sistematização do

ensino mútuo/monitoral que inaugura uma arquitetura do espaço escolar, em que mobiliário e material passam a ser dispositivos fundamentais para o sucesso do método. Ainda nesta imagem, temos “o professor” do sexo masculino, bem como uma platéia (alunos?) formada por 6 homens e 4 mulheres - relação esta que, como já colocamos, não corresponde à atual maioria das mulheres, tanto nos “bancos escolares”, quanto nos quadros docentes do ensino superior.

Já na *imagem 7-O*, parece acontecer um fenômeno de transmutação no qual a tecnologia cumpre o papel de uma escola ou métodos libertadores, quem sabe, nos moldes democráticos de *Summerhill*[1]. O interessante é que, por trás do monitor, enfileiram-se livros que, uma vez percorridos, permitem vôos de liberdade. Sem dúvida, esta imagem contrapõe-se à primeira, que tem os corpos presos e hieráticos, enquanto a segunda mostra movimentos, fluidez e alegria. Seria essa a promessa das “novas” tecnologias educacionais?

Uma vez que estamos lidando com as visualidades da ação docente sob o aparato tecnológico, a seguir um infográfico publicado pela revista *Veja*, sobre a *Escola – e o ensino – do Futuro*. A ilustração cria um novo modelo de *formatação* de escola, sugerindo um novo *layout* para uma aprendizagem de visualidade *high tech,* com recursos interativos (está disponível *online*) que reforçam o conteúdo e a ênfase para uma vida digital. Seriam essas as salas que substituiriam aquelas que um dia também foram projetadas para um novo tempo?

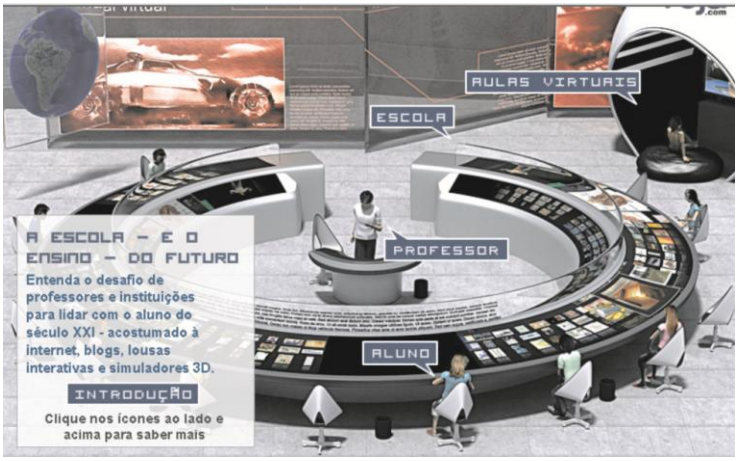

Imagem 8. A escola do futuro. Acesso em http://blognato.fisica-interessante.com/2009/03/escola-do-futuro-segundo-revista-veja.html, em 25/09/2009.

Chama atenção que, no infográfico acima, a imagem não basta e é necessária a nomeação de quem é aluno (aparência mais jovem), professor (aparência de adulto), escola (semicírculo *high tech*) e aulas virtuais (pessoa sozinha numa cabine). O professor, de aparência jovem e descolada, permanece como o centro da circunferência nesse processo.

Nesse sentido, voltemos à proposta inicial: que imaginários e imagináveis constituem e estão constituindo as representações de ação e atores docentes na educação a distância? Na perspectiva do olhar do outro – o aluno – ainda somos vistos como agentes que carregam o saber, transportando-o em malas de livros para serem compartilhados? Como somos ilustrados? Na incursão imagética realizada neste trabalho, ainda somos configurados/representados nos moldes do ensino presencial, através de imagens da tradição do catedrático, ou um mestre-de-escola que usa jaleco e empunha um guia (régua, varinha, etc.), reforçando elementos que denotam a tradição do discurso higienista da nossa modernidade escolar. Outras imagens vêm carregadas de ícones que denotam um ”futuro”, como se brincássemos nos carrinhos dos *Jetsons* (HANNA-BARBERA, 1962-1963), ou como se estivéssemos a bordo da nave *Interprise,* da série Jornadas nas Estrelas (1966). Quem se lembra deles?

Imagem 9. Fonte: *Images Google,* acesso em maio/2011.

Aqui temos o *monitor-jetson* num carrinho voador. À sua frente, uma tela com *web cam*, uma prancheta com possível plano de trabalho (plano de vôo) - o que pode inidicar que o vôo e a rota são dirigidos. Para não deixar dúvidas, assim como na ilustraçao anterior, a palavra escrita deixa claro o que a imagem está representando, ou seja, *monitoria*. Quem pilota é um jovem. É essa a imagem dos tutores? Podemos perceber, sobretudo, uma diferença entre representação de professores (mais velhos, ternos, figuras ligadas às posições mais fixas) e tutores

(mais jovem, roupas informais, usando vários acessórios). Estes últimos, bem próximos à imagem do sujeito multifuncional da *imagem 5-H*.

Escolas flutuantes, sujeitos *transaprendentes*[2]

Vimos que as representações da ação docente, tanto no contexto "tradicional", como no espaço a distância", são marcadas pela herança de sujeito docente que a modernidade instaura. Por que os sujeitos professores/instrutores são, majoritariamente, figuras masculinas? Por que os aprendentes e tutores são jovens? Qual a conexão entre tecnologia e ação divina ou sagrada? Por que a tecnologia vem do céu? Existem lugares demarcados no espaço desmaterializado? O uso de ferramentas tecnológicas leva, necessariamente, à novas formas de ensinar aprender? Tanto num caso, como no outro, nossa experiência tem revelado movimentos de migração, duplicidade e deslocamentos entre as funções que os diversos atores desempenham.

Estamos vivenciando/experimentando atribuições sem controles, freios e limites. Estar ligados em rede, mediados pelas interfaces dos computadores, ora nos encoraja a escrever o que não podemos falar, ora nos limita de expressar com a intensidade que desejaríamos. Escrever/desenhar um *smile* (☺) num fórum de discussão, por exemplo, pode ser uma ação interpretada de várias formas, dependendo do contexto: um sorriso, um sim, uma despedida, uma boa notícia. Entre o que se quer dizer e o que é visualizado, há uma rede simbólica (humana) e técnica (numérica) – ou silenciosidades – que compõem um léxico digital que pode ser compartilhado mundialmente, mediado pela internet.

Nesses novos ambientes para a aprendizagem, as fronteiras são fluidas, as distâncias se reconfiguram-se e os papéis se misturam. Este congestionamento de sentidos pode ser percebido através das dificuldades para representar, graficamente, o trabalho docente. Mas aqui fica outra provocação: as diferentes ilustrações que colocamos neste texto representam dificuldades de representação destes deslocamentos, ou estes, de fato, ainda não aconteceram? A ação docente, na educação a distância, é marcada pelos mesmos resquícios da educação "presencial" que se quer contemporânea?

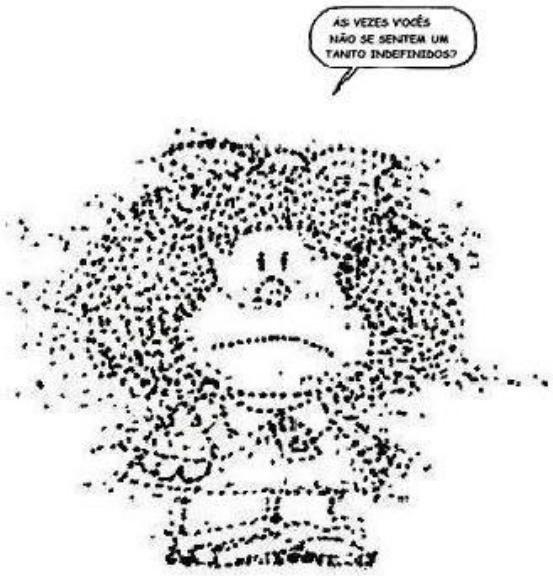

Imagem 10. Mafalda. Fonte: *Images Google,* acesso em maio/2011.

As vezes vocês não se sentem um tanto indefinidos?

Esta é a frase dita pela Mafalda (QUINO, 1964). A provocação vale para todos nós, alunos, professores, tutores e pesquisadores (“presenciais e a distância”): os moldes imaginários de contexto educativo, de ação docente e dos diversos atores podem ser os mesmos nessa escola que flutua, com os seus sujeitos deslocantes? Tanto num caso, como no outro, nossa experiência tem revelado movimentos de migração, duplicidade, deslocamentos entre as funções que os diversos atores desempenham. Não é fácil pensar uma escola sem horário de aula, sem terreno, sem muros. Também é quase enlouquecedor imaginar a escola sem aquele professor que entra e sai da sala de aula. A idéia de escola é reconfigurada nesse lugar flutuante, que adentra o quarto, o escritório, a cozinha dos diversos atores que participam da vida e da construção de sentidos, desconstruindo a idéia da instituição de ensino como o templo do saber.

Como mensurar, nesses espaços de *bits* e *pixels*, quem ensina, quem aprende, como e o que se aprende? Como ainda pensar o professor nos moldes do ensino presencial? O desenvolvimento de novos gêneros visuais e de inovações tecnológicas para criá-los e acessá-los tem multiplicado as formas de informação textual e visual disponíveis. Essas formas recentes de comunicação têm criado culturas globais, tendências e movimentos visuais quase instantâneos. Atualmente,

as mensagens visuais, inevitavelmente ideológicas, de uma dada cultura podem atravessar, facilmente, fronteiras rigidamente controladas pela geografia, riqueza e linguagem. Produções culturais tradicionais/locais continuam a existir, mas elas são, inevitavelmente, afetadas e/ou modificadas pelo acesso global à mídia. (SMITH-SHANK , 2009).

Diante do exposto, esta reflexão imagética visa abrir espaços para a percepção do que Nóvoa (1992) apresenta como uma urgência em proporcionar momentos de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, com vistas a propiciar aos professores reflexões que os levem à apropriação dos seus processos de formação, bem como a construção efetiva de ser e estar na profissão.

---

[1]Summerhill é uma escola inglesa, fundada em 1921 por Alexander Sutherland Neil. É uma das pioneiras dentro do movimento das escolas democráticas. Atende crianças do ensino fundamental e do ensino médio. Em Summerhill os alunos não são obrigados a frequentar as aulas. Mas uma vez que se decidam a frequentá-las, são obrigados a manter a disciplina e respeitar seus colegas e professores. Segundo Neil, muito tempo se perde forçando crianças a frequentar aulas antes do tempo, quando seus interesses e atividades não condizem com estar sentado em uma sala de aula, reprimindo sua natural energia e vontade de explorar o mundo com suas próprias mãos. Fonte: http://www.webartigos.com/articles/22651/1/DIFERENTES-MODELOS-DE-ESCOLAS-NA-ATUALIDADE-ESCOLA-DA-PONTE-Portugal-E-SUMMERHILL-SCHOOL-Inglaterra/pagina1.html#ixzz1LaGVbKJk, acesso em 05/05/2011.

[2] Esse subtítulo é título da dissertação de mestrado em Cultura Visual de Alexandre Guimarães, coautor deste texto. A investigação teve como foco o AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem) do curso Licenciatura em Artes Visuais, da Faculdade de Artes Visuais - Universidade Federal de Goiás. Foram levantadas questões e feitos alguns apontamentos sobre o perfil do trabalho docente, como ele é representado na internet, seus deslocamentos, bem como tensões entre os papéis da docência. Para o trabalho, foi experimentada a etnografia virtual como procedimento metodológico.

Referências

ALVES, J.E.D. *Revolução feminina: as mulheres à frente na educação.* Publicado em 23 de julho de 2010 no site http://www.ecodebate.com.br. Acesso em 05/05/2011.

ARAUJO, José Carlos Souza . *Entre o quadro-negro e a lousa virtual: permanências e expectativas.* Disponível em http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT04-2277--Int.pdf, acesso em 05/05/2011.

ANDRADE, Fábio Santos de. *Diferentes modelos de escolas na atualidade: Escola da Ponte (Portugal) e Summerhill School (Inglaterra).* Disponível em http://www.webartigos.com, acesso em 05/05/2011.

BELLONI, Maria Luiza. *Educação à distância.* 2ª edição. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

COUTO, Mia. *O Outro pé da sereia.* São Paulo: Cia das Letras, 2006.

GUIMARÃES, Alexandre. *Escolas Flutuantes, sujeitos transaprendentes.* Dissertação de mestrado. Goiânia: 2011.

GUIMARÃES, Leda; LOSADA, Teresinha. *Novos e velhos tremores: o ensino de artes visuais na modalidade EAD*. In. MARTINS, Raimundo (org.). Educação e Visualidades. Goiânia: FUNAPE, 2008.

HERNÁNDEZ, Fernando. *A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito.* In: TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo (org.). Educação da cultura visual: conceitos e contextos. Santa Maria: Editora UESM, 2001, pp. 31-49.

NAKAO, Jum. *A costura do invisível.* São Paulo: Editora Senac, 2005.

NÓVOA, A. *Formação de professores e profissão docente*. In:_____ (org.). Os professores e sua formação. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1992.

SMITH-SHANK, Deborah. *Cultura Visual e Pedagogia Visual.* Trad. Gisele Dionísio da Silva. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). Educação da cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria: Editora UFSM, 2009, pp. 259-266.

TOURINHO, Irene. *Educação estética, imagens e discursos: cruzamentos nos caminhos da prática escolar.* In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Educação da cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria: Editora UFSM, 2009, p. 141-156.

Leda Guimarães.

É professora da graduação, do PPG em Arte e Cultura Visual e coordenadora da Licenciatura em Artes Visuais - Modalidade a Distância, na Universidade Federal de Goiás. É doutora em Artes pela ECA-USP e mestre em Educação pela UFPi. É membro da ANPAP e vice-presidente da FAEB. É representante, no Brasil, do CLEA e uma das 3 representantes da América Latina para o InSEA. (ledafav@gmail.com)

Alexandre Guimarães

É professor de artes visuais e designer gráfico. Mestre em Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás. Foi professor de arte em escolas particulares de Goiânia. Publicou, em 2002, com Leda Guimarães, o livro “Objetos Populares da Cidade de Goiás – Cerâmica”. É tutor a distância da licenciatura em artes visuais da FAV. (alxguimares@gmail.com)